



INTERVENÇÕES COM MÚSICA EM SESSÃO COM SUJEITO DISÁRTRICO

Laysla Portela¹
Nirvana Ferraz S. Sampaio²
Maria de Fátima de A. Baia³

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentamos resultados de um estudo qualitativo de intervenção na fala atípica com uso de técnicas musicais. Trata-se de um estudo de caso de sujeito disártrico (RA), falante nativo de português brasileiro (PB), variedade de Vitória da Conquista (BA).

A disartria é uma desordem de fala ocasionada pelas modificações no controle muscular pertencente a sua produção. Esse fenômeno é decorrente de uma lesão no Sistema Nervoso Central (SNC) ou Periférico (SNP) “que acarreta em alterações na emissão oral, devido a uma paralisia, fraqueza ou falta de coordenação dos músculos da fala” (RIBEIRO, ORTIZ, 2009, p.1). Tal alteração pode ser resultado de um tumor no cérebro, cerebelo ou tronco encefálico, de doenças infecciosas, degenerativas do SCN/SNP, etc.

No que diz respeito à linguagem, ela pode afetar um ou mais componentes da produção oral, são estes: respiração, fonação, ressonância, articulação e prosódia. Dessa maneira, no disártrico, a fala é alterada porque o aparelho fonador é afetado, o que ocasiona a mudança de movimento, precisão, velocidade, ritmo, ou coordenação dessa.

Os sistemas sensoriais, habilidades de compreensão, atenção e cooperação não sofrem alterações. Entretanto, os fatores correspondentes à organização da fala são alterados, tais como: respiração, fonação, ressonância, articulação e prosódia.

1 Graduada pelo Curso de Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudeste da Bahia - UESB. Mestranda em Linguística pela Universidade Estadual do Sudeste da Bahia - UESB. Endereço eletrônico: layslaportela@gmail.com

2 Doutora em Linguística. Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Orientadora da Pesquisa. Endereço eletrônico: nirvanafs@terra.com.br

3 Professora doutora do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLin/UESB). Endereço eletrônico: baiamfa.ling@gmail.com



ASPECTOS PROSÓDICOS E NEUROPLASTICIDADE

Os aspectos prosódicos da disartria pós-traumática são alterados devido ao acometimento de uma fala lentificada ou acelerada. Para Iliovtz (2004), os sujeitos disártricos se utilizam de recursos prosódicos já existentes na língua para reorganizar e tornar a fala mais compreensível. De acordo com a autora, essa compensação se dá no nível suprasegmental, isto é, elementos da prosódia como a duração e a altura são modificados. O estranhamento que a fala disártrica causa em quem a escuta não se deve apenas à alteração do ritmo, aceleração ou lentificação, mas sim “a essas estratégias prosódicas das quais eles se utilizam para viabilizar a inteligibilidade da própria linguagem oral” (ILIOVTZ, 2004, p.171). Ou seja, o apagamento das sílabas fracas é um tipo de rearranjo que o sujeito disártrico utiliza, mesmo que inconscientemente, na tentativa de deixar a sua fala mais rápida.

Muito desse rearranjo ocorre por causa da neuroplasticidade. Fatores genéticos e epigenéticos são a base para formar a individualidade de um sujeito, desde o momento da sua fecundação. Esses estão ligados diretamente ao processo de neuroplasticidade, pois os fatores ambientais e sociais afetam e contribuem diretamente nas mudanças ocorridas dentro do SN, pois são responsáveis pela estimulação das células nervosas “para que elas possam ter um poder plástico mais exuberante, formando e ou reformando conexões úteis e funcionais” (OLIVEIRA, SALINA, ANNUNCIATO, 2001, p.3). Desse modo, o terapeuta deve levar em conta os fatores que influenciam os processos plásticos do SN, ou seja, a neuroplasticidade, ao propor uma intervenção terapêutica para um indivíduo que tenha alguma patologia.

METODOLOGIA

Os dados coletados, na sua maioria, tratam-se de dados de fala naturalística, isto é, espontânea. No decorrer do estudo, foram aplicados dois experimentos, um de nomeação de palavra isolada, o qual será reportado neste estudo, e um de percepção a ser reportado em trabalho posterior. Toda coleta faz parte do projeto de pesquisa *Funcionamento da linguagem nas afasias e neurodegenerências*⁴.

4 Autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UESB - Protocolo 061/2010.



Recursos musicais

A música é utilizada, neste estudo, como veículo para recuperação e estimulação de fala. A intervenção executada apoia-se em uma literatura vasta que aponta os benefícios do uso da música em contexto terapêutico, tanto em estudos gerais na área de patologia quanto em estudos de musicoterapia⁵ (BENZON, 1985; BRUSCIA, 2000 [1998]; FURUSAVA, 2003; QUEIROZ, 2003; MARANHÃO, 2007; PALLAZI, FOUNTOURA, 2016). São utilizados também, de maneira adaptada, recursos da área de pedagogia musical (FRANÇA, 2012; SAMPAIO, 2017). Seguindo Bruscia (2000 [1998]), a natureza das intervenções para recuperação de fala com uso da música têm sido: a) centrada no som, b) centrada na beleza (estética do som) e c) centrada na criatividade.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Triagem por meio de entrevista

Foi feita uma entrevista com o sujeito RA com o objetivo de analisar quais aspectos atípicos se sobressairiam na sua fala. Na entrevista de duração de 40min27s, RA respondeu todas as questões sobre gosto musical e outras preferências de maneira despretensiosa, facilitando, desse modo, a análise posterior.

Após análise prévia de dados espontâneos de RA, notamos que grande parte da dificuldade de compreensão da fala do sujeito reside no apagamento indevido de sílabas átonas em contextos que não são característicos de haplologia, isto é, contextos favoráveis para queda de sílaba por serem sílabas adjacentes idênticas ou que compartilham características de uma mesma classe natural: ex. *faculdade de letras*.

Reaplicação do experimento de Baia (2010)

5 Uma das autoras deste trabalho é musicista e faz especialização em Musicoterapia na Faculdade de Candeias – Salvador.



Após identificarmos o fenômeno fônico a ser enfatizado nas intervenções, a saber, a queda indevida de sílabas átonas, as quais tenderam a ser postônicas, permaneceu a dúvida se a queda de sílaba seria característica da fala em enunciados longos ou se o mesmo ocorreria na produção de palavras isoladas, como é observado pelos estudos de desenvolvimento fonológico de crianças (RAPP, 1994; BAIA, 2010). Para isso, reaplicamos o experimento que BAIA (2010) conduz no seu estudo sobre o padrão prosódico inicial na aquisição do PB por meio da nomeação de figuras.

A distribuição prosódica das palavras no experimento elaborado por BAIA (2010) foi: SW⁶ (10), WS (10), SWW (6 – recorte provável de SW), WSW (6 – recorte provável tanto de SW ou WS) e WWS (6 – recorte provável de WS). Totalizando 44 produções dissilábicas, sendo 22 SW (10 + 6 + 6) e 22 WS (10 + 6 + 6).

Na análise dos dados, transcritos usando o IPA, notamos que RA não apresentou elisão de sílabas átonas, aspecto recorrente na sua fala fluente, na tarefa de nomeação de figuras. Todavia, alguns desenhos não foram nomeados por RA por não conseguir identificar a figura: *fogão*, *varal* e *caminhão*⁷. Dessa maneira, o apagamento indevido está relacionado com a velocidade de fala de RA e no contexto prosódico acima do da palavra fonológica.

Intervenção com música (primeira sessão)

Sessão n.1: Glissandos melódicos e figuras rítmicas

Objetivo : 1) Avaliar e trabalhar entoação de fala com uso de fichas de glissandos melódicos na execução e percepção de diferentes melodias;

2) avaliar e trabalhar ritmo de fala por meio do uso de estruturas rítmicas de Willems e Kodaly.

Material/instrumentos de apoio

1) Glissandos melódicos e estruturas rítmicas (SAMPAIO, 2017):

6 S: *strong* forte/ W: *weak* fraco.

7 Consideramos que não identificação das figuras é um dos grandes problemas dos testes de nomeação.

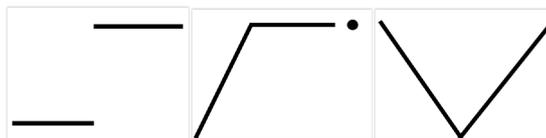


Figura 1: exemplos de glissandos melódicos (SAMPAIO, 2017)

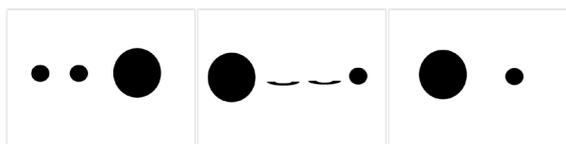


Figura 2: exemplos de estruturas rítmicas (SAMPAIO, 2017)

2) Instrumentos de percussão (chocalho, reco-reco, maraca)

3) Metrônomo digital.

Desenvolvimento: Inicialmente, foram apresentados os glissandos melódicos e explicado o que cada traço e direção significavam. Posteriormente, pediu-se que RA vocalizasse conforme indicado na figura e, em seguida, que pronunciasse uma sequência de frases conforme o desenho melódico. Na segunda etapa, foi trabalhada a percepção rítmica e execução do ritmo conforme as estruturas rítmicas apresentadas e explicadas. A reprodução foi realizada primeiramente com uso das mãos e corpo; após a expressão corporal, foram usados os instrumentos de percussão. Notou-se que o uso de metrônomo inibia RA, por essa razão, o ritmo foi conduzido pelas investigadoras.

Observações: RA não apresentou dificuldades na primeira tarefa de glissandos melódicos. No entanto, a tarefa rítmica, como se esperava, foi desafiadora. Foi observado que RA tem dificuldade em produzir sequências rítmicas fracas da mesma maneira que apresenta dificuldade em produzir sílabas átonas pós-tônicas na fala. Por essa razão, o trabalho com elementos rítmicos fracos tende a ser enfatizado nas próximas sessões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste primeiro momento, relatamos como foi feita a avaliação e análise de aspectos fônicos atípicos na fala do sujeito disártrico. Além disso, demonstramos, com a descrição



da primeira sessão de intervenção com música, como o trabalho tem sido realizado. Esperamos que, com a intervenção (mediação/estimulação musical, elementos externos e culturais), o sujeito RA tenha uma melhor percepção da sua própria pronúncia de sílabas átonas e que evite o apagamento em contextos indevidos de acordo com o seu dialeto.

Palavras-chave: Disartria. Prosódia. Neurolinguística. Música.

REFERÊNCIAS

- BAIA, M.F.A. **O modelo prosódico do PB: uma questão de metodologia?** São Paulo: Edição Premiada USP, 2010.
- BENENZON, R. O. **Manual de Musicoterapia.** Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.
- BRUSCIA, K. E. **Definindo Musicoterapia.** Rio de Janeiro: Enelivros, 2000 [1998].
- FURUSAVA, G. C. **Setting musicoterápico.** São Paulo: Apontamentos, 2003.
- ILIOVTZ, E. R. Reorganização prosódica na disartria. **Revista Estudos Linguísticos**, v.12, n.2. Belo Horizonte, 2004.
- MARANHÃO, A. L. V. **Acontecimentos sonoros em Musicoterapia.** São Paulo: Apontamentos, 2007.
- OLIVEIRA, N.E.C.; SALINA, E.M.; ANNUNCIATO, F.N. Fatores ambientais que influenciam a plasticidade do SNC, **Revista Acta Fisiátrica**, 2001.
- PALAZZI, A.; FOUNTOURA, D. R. Musicoterapia na afasia de expressão: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Musicoterapia.** Ano XVIII, nº 20, 2016.
- QUEIROZ, G. J. P. **Aspectos da musicalidade e da música de Paul Nordoff e suas implicações na prática clínica musicoterapêutica.** São Paulo: Apontamentos, 2003.
- RIBEIRO, A. F. ORTIZ, K. Z. Perfil populacional de pacientes com disartria atendidos em hospital terciário. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v.14, n.4. São Paulo, 2009.
- SAMPAIO, R. **Pedagogias musicais aplicadas à Musicoterapia.** Aula do curso de especialização em Musicoterapia. Faculdade de Candeias, 2017.